

SEÇÃO DO PROFESSOR

A LIBERDADE A QUALQUER PREÇO

Teacher's section
Freedom at any price

Etel Núcia Oliveira Monteiro

Mestranda em Educação pela Universidad de León.
Docente dos cursos de Letras e Artes a distância da UNB.
Instituto de Letras
Universidade de Brasília (UNB)
Brasília – DF – Brasil

Endereço

QNP 32 Conjunto P Casa 41 P Sul
Ceilandia – DF
CEP: 72236-216

E-mail

nucia@hotmail.com

Recebido em 09/09/2010

Aprovado em 15/09/2010

Acredito na Educação Libertadora e não seria diferente a minha postura frente à aprendizagem da literatura. Tenho professado a crença de que a literatura, com seus valores intangíveis, pode ajudar na formação pessoal e tornar a pessoa engajada dentro da sociedade.

É meu objetivo, ao trabalhar com a língua francesa, oferecer maiores possibilidades ao aluno para explorar diversos textos clássicos, formadores da nossa civilização ocidental, no seu original. Até porque faz parte da formação do aluno de francês, no Centro Interescolar de Línguas de Taguatinga, a aprendizagem da literatura universal traduzida na língua alvo.

Preciso aqui deixar claro que a confusão do nome e do significado de literatura faz com que tomemos certas posturas que refletem na forma com que lidamos com a leitura. De uma forma geral a palavra literatura remete a textos escritos ou conjunto de textos de um mesmo gênero. Saindo do senso comum, a concepção de literatura perpassa pela reconstrução do texto de uma forma especial, como uma reinvenção da própria escrita, forma de dizer de outra maneira. É um novo código que requer iniciação na arte de ler.

Ora, a literatura na escola é um tema recorrente, pois não há uma fórmula mágica, mas muitas experiências podem servir de norte para que sejam formados alunos leitores. A ideia é guiar o aluno a sentir o prazer de ler e ser levado a uma tomada de consciência desse ato.

Mas escolher livros de autores considerados clássicos normalmente gera polêmicas entre os professores, principalmente quando eles pensam na recepção desses mesmos autores pelos alunos. A ideia que se tem é de que a leitura é chata, cansativa, cheia de vocabulário difícil que vai nos fazer ir ao dicionário inúmeras vezes. E, como é anunciada a exaustão que tempo é dinheiro, que o tempo é curto, muitos combatem essa escolha e preferem livros de poucas páginas de autores não consagrados, muitos com enredos pobres e mensagem consequentemente óbvia e empobrecida.

Essa escolha, com o intuito de facilitar, acaba fazendo com que a Educação Literária seja reprodutora de um sistema que atende as necessidades imediatas da sociedade moderna, mas não rompe com as amarras da sociedade de consumo, repetindo comportamentos viciosos dentro da escola e da sala de aula.

Por isso que busco iniciar meus alunos na leitura de obras literárias apresentando-lhes os clássicos, porque eles possuem um papel crucial para a identidade cultural e para o sentimento de pertencimento nesta civilização.

Deixo outras obras para a decodificação da escrita da língua francesa quanto ao vocabulário e para o aumento do número de palavras, priorizando o aprendizado de palavras de uso cotidiano e o sentido denotativo.

A extrapolação das palavras e de seu significado reservo aos clássicos, pois exigem uma leitura que deve ser guiada para que se perceba as muitas fases, as facetas e as reviravoltas de suas tramas. Procuro fazer com que os alunos passem por vários níveis de compreensão, que haja reflexão e prazer em reler sempre, pois a característica de um clássico é que ele sempre é atual e dialoga com o sujeito-leitor.

Não é à toa que uma das obras que escolho seja a do francês Alphonse Daudet, da coleção de contos chamada “Cartas do Meu Moinho”, em francês, tão logo os alunos possuam nível de conhecimento linguístico para lê-la.

As técnicas para incentivar a leitura variam a cada nova turma. Porém, por experiência própria, as que dão mais certo são a da leitura de um conto por um aluno ou um grupo pequeno, em que se deva fazer um resumo seguido de um debate, ou então a do professor que fica responsável por ler em sala com os alunos, usando de criatividade para chamar atenção para as técnicas de leitura em voz alta. Assim, a cada leitura, o aluno “decora” a fala, e vai acrescentando sentimento e vai descobrindo o significado das palavras em sua essência pelo papel interativo.

Dois contos que sempre exploro são “A cabra do Sr. Seguin” e “O segredo do tio Cornille”, este último, embora pouco conhecido, permite, na exploração do texto, aproximar a realidade narrada com o nosso momento, de maneira que valores essenciais para o homem do Século XXI possam ser trabalhados. Para que entenda isso, resumo rapidamente o conto:

“O tio Cornille é moleiro (dono do moinho, e mói o trigo para preparar a sua farinha), vive da moenda do trigo e habita em seu moinho. Em tempo de fartura, quando em Avignon havia o papado, a prosperidade era grande e todos eram felizes, depois vieram várias crises e a última foi causada pelo surgimento da usina de preparar o trigo. Essa novidade encantou muito os cultivadores de trigo que passaram a fazer a moagem industrialmente e deixaram de fazer do modo tradicional com o tio Cornille.

O tio Cornille, muito orgulhoso, continua seu trabalho em seu moinho, não adotando a nova tecnologia. Contudo, em pouco tempo se torna magro, mal-vestido e aparentando trabalhar muito e gastar menos que o necessário para viver dignamente. Assim, as pessoas começam a ter vergonha dele e pensar que é um avaro. Quando a sua sobrinha, que trabalha em uma fazenda, vai se casar, ela e o noivo buscam sua bênção. Não o encontrando em seu moinho, decidem entrar pela janela no moinho e ver como anda a vida do tio. A surpresa é grande, pois o local está com aparência de abandonado e de extrema miséria. Olham para os sacos cheios e percebem que é gesso e não trigo que o tio carrega para um lado e outro. O tio Cornille chega de repente e se sente envergonhado de ser descoberto em estado tão lastimável e chora. Os dois jovens comovidos vão até a vila e falam com todos do ocorrido e a partir de então todos passam a levar trigo para o tio Cornille moer, até o fim de sua vida.”

À primeira leitura o aluno pode não conseguir deduzir o contexto social vivido pelas personagens, nem percebe os momentos de densidade psicológica. Mas a partir da segunda leitura passa a perceber sentimentos e a ser tocado pela narrativa. E depois de ser guiado se dá conta de que o autor apresenta uma consequência negativa da industrialização no campo, que é o desemprego e o desaparecimento de profissões tradicionais, como é o caso do moleiro.

E, após todo esse processo de leitura dirigida, o aluno pode então compreender a solução dada como a mais humana contra a “invasão” capitalista em sociedades ou comunidades não-industriais. Ele talvez sinta que a solidariedade precisa ser ampliada em nossos dias para que esta geração possa entender o quanto ela é uma forma de se defender e sobreviver neste mundo “burguês”.

Deixei por último o conto mais conhecido de Daudet: a estória da “Cabra do senhor Seguin”. Para se ter uma ideia, na França, é um conto que todo aluno do primário conhece.

Aqui no Brasil temos algumas traduções, e em Portugal há um conto baseado nele que se chama “Cabra cabrita”, que é direcionado para as crianças também.

Alguns alunos confundem a estorinha de Daudet com as fábulas contadas por Monteiro Lobato, que são de Esopo e La Fontaine. Claro que o motivo é que a narrativa de Daudet possui as características da fábula: animais falantes e uma moral.

De toda forma é uma narrativa atrativa e que dá margem para as interpretações e uso “didático” segundo o interesse de quem se serve para ensinar por meio desse conto.

Como afirmado anteriormente, que a literatura clássica forma a pessoa, a canônica, como é o caso desta obra, legitima o uso e, às vezes, decide por uma interpretação mais aceita de cunho didático.

Esta obra é lida e cobrada na forma de ditado, que é algo típico da educação francesa, na transformação do conto em outro gênero, como quadrinhos e poema, ou reelaborado em outras linguagens como música, vídeo e jogos. A interpretação mais aceita é a crítica das pessoas que se deixam levar pelas suas paixões, pois a cabra é a personificação de todas as pessoas que possuem desejo de liberdade absoluta.

Antes de resumir, esclareço que o conto também é uma missiva. Faz parte das cartas que saíram do moinho lá na Provença, na França. É um cartão postal da sabedoria popular do “pays Languedoc”.

A introdução ao conto deve se levar em consideração para uma leitura mais aprofundada, já que é um caminho para entender o que significa a cabra do Sr. Seguin, esta é sinônima do poeta lírico parisiense Pierre Gringoire.

O conto em si é uma ilustração para que o amigo poeta reflita se viver de sua arte sem outra profissão que lhe garanta o sustento vale à pena, pois a liberdade tem um preço alto e ele deve estar ciente, para poder pagá-lo quando for cobrado.

Também o autor diz no texto que o conto não é invenção sua, o conto faz parte da tradição oral da Provence, como cito:

“Adieu, Gringoire !

l'histoire que tu as entendue n'est pas un conte de mon invention. Si jamais tu viens en Provence, nos ménagers te parleront souvent de la cabro de moussu Séguin, que se battégue tonto la neui erré lou loup, e piei lou matin lou loup la mangé .

Tu m'entends bien, Gringoire.”¹

É interessante que, para ser mais real, ele coloca a fala do povo provençal na sua língua regional Langue d'Oc, que é a forma local de dizer sim. É uma língua da Idade Média, que foi muito utilizada entre os trovadores. A Região do Sul da França, em especial Provença, foi centro cultural da poesia refinada medieval, os “troubadours” e suas cantigas de amor influenciaram as primeiras poesias portuguesas.

Voltando ao conto, resumindo-o:

A estória de Blanquette (Branquinha, na tradução em português): o Sr. Seguin adquire sua 7ª cabra, que era bem branquinha, com os cascos negros e brilhantes, juvenzinha e cheia de vida. Ele a trata muito bem, coloca-o no meio do pasto com uma corda longa. Porém Blanquette se enfada daquilo tudo, por que tem como horizonte a montanha e deseja ir lá, ela vai se definhando a olhos vistos. Uma manhã, ela pede para o seu dono deixá-la ir a montanha por que assim deseja muito. Senhor Seguin fala que já conheceu outras cabras que tiveram o mesmo desejo, porém, lá na montanha há um lobo, que as devorou, inclusive Renaude, mesmo sendo mais forte que Blanquette, e ela lutou toda a noite, mas o lobo sendo mais forte a venceu e a devorou. Então, ele questiona a Blanquette o que lhe falta? Ela responde que nada, mas ela tem o desejo de ir lá. E se vier o lobo o que fará? Ela diz que o enfrentará até a morte. Então, diante da resposta, ele decide em trancá-la e tê-la a salvo dentro do abrigo. Assim, ele o faz, trancando à chave a porta, mas esquece-se da janela e por esta Blanquette vai embora. Chegando às montanhas, a pequena cabra realiza todos os seus sonhos, se sente uma rainha, vive uma aventura, é feliz e tem sucesso. O tempo

assim passa rápido e já se faz noite quando ela se dá conta que não tem mais como retornar ao lar. Ela escuta o chamado do seu dono, ela se sente um pouco triste. Sente o lobo se aproximar. Pensa em voltar, mas pensa também na corda, hesita, e decide não mais ouvir os apelos de Sr. Seguin e então ela fica. Contudo, Blanquette pressente que o lobo está atrás de si, vira-se e se vê frente á frente com ele. Ele é enorme, imóvel e a devora com os olhos, ciente que não precisa ter pressa, que ela vai ser sua presa. Blanquette compreende isso. Sente medo. Em seu último rasgo de orgulho, a pequena cabra pensa na velha Renaude e resolve resistir. No alto da batalha, já com poucas forças, come a relva verde, gostosa e exuberante da montanha, seu prêmio de liberdade. Ela encontra força na memória de que a outra cabra resistiu até o amanhecer e decide lutar até o amanhã... então amanhece, ela cai na relva, esgotada, cheia de sangue e o lobo a come.”

Podem ver que não é uma estorinha para crianças, mas como os demais contos “infantis” tradicionais, são adaptados de alguma forma, ou o texto em si ou a abordagem, para não impactar as crianças, assim, esse conto faz parte da literatura infanto-juvenil e é legitimado pelas instituições francófonas por meio da escola. A escola primária é chamada de “école” e o “écolier” no sistema de educação francês é o aluno das nossas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Então, o conto é tratado sem levar em conta o endereçamento ao poeta parisiense, ou o mantém, mas já se estabelece a interpretação de que o cerne da questão está em o poeta rejeitar um bom emprego de jornalista para seguir sua paixão por escrever poemas de amor.

Pode-se dizer que geralmente é trabalhada apenas a visão do autor, que chama o amigo de imbecil e para tentar fazê-lo mudar de opinião usa como argumento as tradições das pessoas dessa província longínqua, que se for levado em consideração que há uma distinção preconceituosa entre o parisiense e o resto da França, é algo como dizer que “até esses daqui tidos como ignorantes entendem bem certas verdades”, então, o narrador fala: “- Escuta, eis aqui a história da cabra do Sr. Seguin. Você vai descobrir o preço da liberdade!”

O narrador coloca-o para viver um dilema por meio da narrativa, faz com que ele use da sua sensibilidade e se coloque no lugar da cabra. A alegoria e a personificação são elementos próprios desse tipo de conto, que deve ter suas origens medievais nos *fabliaux*, que eram endereçadas as pessoas comuns, não tinham embelezamentos dos fatos e são de fácil compreensão, e mesmo que não apresentem uma moral, eles trazem uma mensagem edificante, fácil de ser entendida.

Então, fica claro que o autor quer que seu amigo repense sua decisão tomada no furor da paixão pela sua lira, esquecendo as questões práticas da vida.

E em nenhum momento do conto da Blanquette (Branquinha) ela ou outros personagens usam da fala do narrador usando as expressões: “preço da liberdade” ou “liberdade a qualquer preço”.

O texto, baseado em um *fabliau*, é um apólogo. Veja as características de transferir uma ideia para uma narrativa fictícia de valor simbólico, permitindo torná-la atraente, dando corpo às situações distantes, o que permite uma identificação com os personagens. Em resumo, seduz antes de fazer refletir. No mais, um apólogo tem uma narrativa breve e todo esquema narrativo está elaborado em torno de uma ideia, e o enredo é orientado segundo um eixo a ser demonstrado.

A reação dos alunos ao ler ou escutar a estória é normalmente de considerar injusto que depois de decidir viver seus sonhos, a “cabritinha” morra. É um paradoxo nesses corações adolescentes que vivem de ler e assistir às comédias românticas de finais felizes.

Há toda uma “propaganda enganosa” de que, tendo-se vontade, recebe-se o prêmio por mérito. E pelo menos nos meus alunos isso é um ponto a ser debatido. Eles mesmos se consideram “românticos” por quererem do conto a fórmula pronta em que eles já sabem o final, mas precisam ver e rever para acreditar que com eles também será assim.

E sentem a dureza da realidade no conto. Há um lobo. E, além disso, ele é mais forte e está lá aonde se quer chegar. Então, não basta transpor montanhas, há de se encarar um lobo, forte e seguro de si.

Esse conto mexeu com meus alunos, e acredito que, por serem adolescentes e estarem na fase de transição, de estar fazendo escolhas da profissão, pois são em maioria vestibulandos, acaba por deixá-los inquietos e insatisfeitos, eles querem um novo final.

Quando peço para ler o início, para que percebam que é uma carta e que há uma pessoa com quem o narrador fala, eles ficam mais indignados com Daudet. Explicando: a última vez que usei o conto em sala de aula, foi bem no período em que estava na mídia a questão de precisar ou não do diploma de jornalismo ou bacharel em comunicação social para exercer a profissão de jornalista.

A partir dessa indagação (ou indignação) evidenciamos a profissão poeta e jornalista (cronista), a história das profissões no Século XIX. Quem são os jornalistas que conhecem ou ouviram falar, qual era a formação deles? E qual é a formação de um escritor ou poeta? Seria Letras, como muitos dizem por aí?

E a parte mais interessante foi quando uma aluna quis saber se o poeta escreve e o jornalista também, qual seria a diferença do texto de ambos. Entramos nas primeiras lições de Literatura. O que é a literatura?

O melhor é que eles mesmos quiseram definir, conceituar e colocar os colegas universitários para comentar, exemplificar, apresentar a diferença entre o texto jornalístico e o literário.

O que mais gostei da recepção dessa turma é que eles aproveitaram a leitura para entender o que era um texto literário ou não. E em cursos regulares do Ensino Médio é o momento de apresentar as características literárias do próprio texto lido e solicitar uma resenha crítica ou uma sinopse dela para que os próprios alunos produzam e percebam na prática a diferença no estilo de escrever um conto e um texto acadêmico ou científico.

Mergulhando nas ideias do texto, os alunos começaram a se indagar o que seria a liberdade para eles, se seria igual ao “não” ao que o autor deu ou ao sentimento captado sobre a alma do poeta Gringoire.

E nessa digressão houve dois pontos pacíficos: um lado que via com clareza que a liberdade não é fazer o que bem quer, mas o que é preciso para viver. Exemplo disso, a liberdade econômica e financeira é muito importante e devemos ficar atentos a essa necessidade. E a sociedade cobra isso, de sucesso ter relação direta com o quanto ganhamos e quanto podemos consumir. O outro lado é que se deve refletir no que se quer e o que satisfaz o desejo. Uma pessoa que não aceita os ditames da sociedade de consumo não precisa competir, porque o que lhe faz feliz não é ganhar muito dinheiro e muito menos ostentar seus bens. Mas é preciso ter um mínimo de meios e condições para se manter dignamente.

E neste momento os dois contos se encontram: O tio Cornille só pôde restaurar sua dignidade com o apoio das pessoas da sua comunidade. Assim, o poeta só poderia viver dignamente se a comunidade apoiasse sua profissão. Então, concluiu-se que o lobo do poeta é a própria sociedade!

Para finalizar, trago uma citação de Daudet: “*La meilleure façon d'imposer une idée aux autres, c'est de leur faire croire qu'elle vient d'eux*”.

Traduzindo: a melhor maneira de impor uma ideia aos outros é fazê-los acreditar que a ideia é deles mesmos.

Com isso retomo a minha fala de que sou favorável ao uso dos clássicos, porque eles podem abrir caminhos novos para seus leitores, pela aprendizagem do mundo que retratam e a vida dos personagens.

O professor precisa levar o aluno à compreensão do texto em sua profundidade, para que os alunos reflitam sempre e evitem ser manipulados como a citação adverte. Os educadores podem fazer a diferença na vida dos alunos e dar a eles a chance de pensarem por si mesmos e de receberem a herança da nossa civilização que são as ideias formativas de nossa identidade por meio da leitura dos clássicos universais.

Esses dois contos, “O segredo do tio Cornille” e “A cabra do Senhor Seguin”, podem ser usados para atrair leitores para os clássicos, pois agradam aos professores que temem usar os clássicos pensando nos livros volumosos e/ou de leitura difícil.

Então, contemplando dessa maneira a preocupação de não ter como trabalhar os clássicos, a obra *Cartas do meu moinho* pode ser bem explorada em sala de aula por ser curta, de fácil compreensão e de uma enorme profundidade, causando, normalmente, o prazer de ler, pensar e compartilhar a leitura com os colegas.

Acrescento uma sugestão para aqueles que no Ensino Fundamental estão com o tema transversal drogas, aconselho o texto “A cabra do Sr. Seguin” para ilustrar que “a liberdade a qualquer preço” e “a sensação de liberdade” prendem e carregam muitos dos nossos jovens para caminhos sem volta.

E assim, termino um ponto e aumento um conto para a próxima vez.

REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CALVINO, Italo. **Pourquoi lire les classiques**. Traduction Jean-Paul Manganaro. Paris. Seuil, Coll. Points, 1996

DAUDET, Alphonse. **Lettres de Mon Moulin**. Paris. Hachette. Collection Lecture Facile, 1993.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1997.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

SITOGRAFIA

<http://www.evene.fr/citations/auteur.php?ida=550>

<http://www.scribd.com/doc/7025568/Alphonse-Daudet-Cartas-Do-Meu-Moinho-Rtf>

<http://www.lettres.net/livre/commeunroman.htm>

NOTA

¹ “A estória que escutou não é um conto de minha autoria, se você viesse em Provença nossos empregados domésticos falaria da cabra do Sr. Seguin que lutou toda a noite contra o lobo, mas pela manhã o lobo a comeu. Você me entendeu bem, Gringoire ?”